



Ano 4 | # 1 | edição semestral | junho de 2012

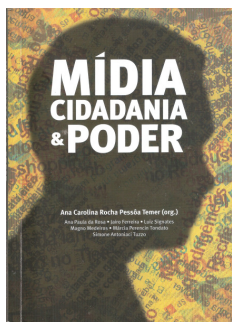
Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

As múltiplas perspectivas das relações entre mídia, cidadania e poder

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. (org.) *Mídia, cidadania & poder*. Goiânia: FACOMB/FUNAPE, 2011. 176 p.

ISBN: 9788580830231

Tiago Mainieri¹



A obra organizada por Ana Carolina Rocha Pessoa Temer reúne um conjunto de textos de pesquisadores em torno da temática proposta e revela “uma relação de interdependência entre a comunicação, o acesso à cidadania e o poder.” (Temer, 2011, p.11)

A organizadora da obra é pesquisadora da linha de Mídia e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado) da Universidade Federal de Goiás. Doutora e Mestre em Comunicação pela UESP. Autora de livros na área de telejornalismo e teorias da comunicação é ainda diretora da Intercom Centro-Oeste.

As relações estabelecidas entre comunicação, cidadania e poder revelam múltiplas perspectivas. Nesse sentido, o livro explora esses múltiplos olhares, reunindo, para tanto, textos de diversos pesquisadores. A obra, prefaciada por Nélia Del Bianco e pela própria organizadora, reúne os seguintes textos: “Midiatização e poder – a construção de imagens na circulação intermediária” de Jairo Ferreira e Ana Paula da Rosa da Unisinos; “Mídia e poder – dinâmica conflituosa do sujeito-desejante” de Magnos Medeiros da UFG; “Mídia, cidadania e poder político” de Simone Tuzzo da UFG; “O poder simbólico e o conflito das liberdades – análise da situação de fala do jornalista, nas condições de institucionalização sistêmica da comunicação” de Luiz Signates da UFG; “Os telejornais da rede Globo e a posse presidencial – a negação do conflito e a espetacularização como estratégia discursiva” da própria organizadora da obra e “Identidades múltiplas – meios de comunicação e a atribuição de sentido no âmbito do consumo” de Márcia Tondato da ESPM.

¹ Tiago Mainieri é doutor em comunicação pela USP, com doutorado sanduíche pela University of Florida (EUA). Mestre em Engenharia de Produção e bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Maria. Professor efetivo do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás.

Os textos da obra conversam entre si na medida em que possuem como eixo condutor o estudo da mídia na perspectiva da cidadania e poder. O livro, ao conceber a mídia enquanto uma experiência de recepção ao mesmo tempo um espaço de intervenção cultural e tensão política, desvela uma comunicação permeada por disputas de visibilidade e poder. A importância da obra reside na contribuição para uma leitura crítica das relações entre comunicação, cidadania e poder.

A obra ao desvelar essas relações que permeiam o funcionamento da mídia, chama o leitor para refletir o acesso democratizado às mídias como condição essencial para a garantia dos direitos políticos de cidadania na nossa sociedade.

O primeiro capítulo traz o texto de Ferreira e Rosa e analisa as relações de poder no âmbito dos processos de mediação das imagens, partindo de três dimensões: processos comunicacionais, contextos sociais e dispositivos midiáticos. Primeiramente, é abordada a mediação como objeto, a partir de uma perspectiva epistemológica que a concebe enquanto circulação intermediária, ou seja, “a circulação realizada no âmbito da constelação de dispositivos midiáticos.” (p.21)

Em seguida, os autores afirmam que sem as mediações a comunicação não é possível. Para eles “a mediação, enquanto processo, é o exercício efetivo de construção social de possibilidades sempre renovadas de comunicação.” (p.26) Desse modo, a comunicação não é linear. Como exemplo, os autores apresentam um conjunto de imagens sobre a morte de Michael Jackson, ressaltando que essas imagens são eleitas pelos diferentes dispositivos e esferas, ou seja, essa escolha não está restrita às organizações jornalísticas. Aqui verificamos o processo de circulação, onde os dispositivos midiáticos apresentam graus de autonomia em função de atores sociais e instituições não midiáticas.

Para Ferreira e Rosa o poder está no reconhecimento da mediação como lugar de interação social. Portanto, os dispositivos midiáticos são arenas de poder. Para concluir os autores afirmam que “Os movimentos de criação simbólica pela mediação, centrando-se principalmente na atuação das instituições midiáticas e dos atores individuais, permitem o surgimento de imagens totens [...]”

No segundo capítulo, Medeiros discute de um lado o conceito de manipulação dos meios de comunicação de massas e de outro a resistência à dominação da mídia. Para tanto, o autor faz uma incursão pelos principais modelos teóricos da comunicação. Ao percorrer os modelos teóricos, Medeiros revisita a teoria hipodérmica, destaca o pensamento da Escola de Frankfurt até chegar à perspectiva da Teoria da Recepção. O autor se posiciona criticando a ideia de manipulação dos meios de comunicação de massas, no entanto, salvaguardando que existe uma manipulação sutil e subliminar.

Ao remetermos ao título deste capítulo, encontramos, no sujeito-desejante, o olhar do receptor. São os múltiplos olhares do receptor, ao tornar-se um sujeito ativo do processo de comunicação, que interpretam, aprofundam e reelaboram as informações e imagens.

O texto “Mídia, cidadania e poder político” destaca o papel da mídia impressa e das mídias sociais na formação da opinião pública. Tuzzo apresenta uma pesquisa quantitativa e qualitativa da inserção e presença na mídia do governador eleito do estado de Goiás durante as eleições de 2010. Foram analisados os dois principais jornais impressos de Goiânia e as mídias digitais como blog, twitter e facebook do candidato.

A autora destaca dentre as principais conclusões da pesquisa que as mídias sociais utilizadas pelo então candidato não se caracterizaram como instrumento de influência para o agendamento das mídias hegemônicas. No entanto, na opinião da autora, o candidato “[...] trabalhou estrategicamente com o tripé da comunicação: público, veículo e linguagem e os meios de comunicação de massa, como jornal impresso, por exemplo, atuaram em substituição à falta de apoio das máquinas no sentido de reorganizar as falas e os pensamentos de formadores de opinião.” (p.75)

Signates propõe em seu texto analisar o jornalismo como lugar de disputa de poder. A dicotomia entre a liberdade da empresa jornalística e a liberdade de expressão dos jornalistas é discutida conceitualmente no trabalho.

Para o autor, a mídia é o lugar de produção e reprodução de poder simbólico, o que implica em uma disjunção conflituosa entre liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Signates argumenta que “o jornalismo emerge com algo mais do que uma simples atividade profissional e se constitui como um campo em disputa simbólica, na qual as formas de poder que imperam na sociedade se fazem presentes, articuladas com os interesses sistêmicos das instituições jornalísticas e submetendo os profissionais à restrição de sua própria liberdade de expressão.” (p.97)

No capítulo seguinte, Temer retoma a história do telejornalismo brasileiro, e, paralelamente, sua relação e influência nos diferentes períodos da política nacional. Conforme a autora, a televisão brasileira tem sido, desde sua implementação, fator determinante para a consolidação de ideologias e interesses políticos, mesmo estando o telejornalismo em constante confronto com valores como ética, veracidade e imparcialidade.

O advento da televisão, em meados da década de 50, veio ao anseio de uma classe média que ainda sentia os reflexos da II Guerra Mundial. Dessa forma, a televisão invadiu os lares das famílias brasileiras ditando moda e comportamento, mas, além disso, principalmente democratizando a informação jornalística, embora nem sempre primando pela transparência e imparcialidade dessas informações.

A partir daí, Temer promove um resgate do telejornalismo brasileiro, enfocando os principais noticiosos que marcaram época e suas relações com o Estado. Destaque deve ser dado ao “Repórter Esso”, além do “Jornal de Vanguarda”, até chegarmos ao “Jornal Nacional”.

A autora exemplifica de forma muito contundente o jornalismo-espetáculo, sobretudo ao descrever a cobertura jornalística da cerimônia de posse da presidenta Dilma Rousseff. Fica evidente na análise conduzida por Temer que o jornalismo de fatos e espetáculos é desprovido de contextos sociais e políticos.

Por fim, o último capítulo da obra traz a contribuição de Tondato para o entendimento da construção das identidades num ambiente midiático. Para a autora, a constituição das identidades integra o sistema ideológico, enquanto espaço de construção de sentido e disputas de poder envolvendo a mídia.

É num contexto hegemônico que as identidades eclodem, a partir de inúmeros referentes. Para a autora, é preciso reconhecer as diferenças, na medida em que as identidades nela se estabelecem. Para ilustrar, a autora analisa alguns resultados de um estudo sobre a leitura da publicidade e constata que ainda são veiculadas representações estereotipadas, em especial da mulher.

Tondato afirma que a mídia exerce poder na determinação das identidades e que pela perspectiva do consumo nos fazemos sujeitos-agentes. Portanto, a elaboração das necessidades e desejos por meio do simbólico perpassa a sociedade midiaticizada.

O livro insere a questão da cidadania no horizonte da comunicação, constituindo-se em leitura obrigatória para o aprofundamento dessa discussão. Ao percorrermos a obra “Mídia, cidadania e poder”, notamos a busca por olhares plurais no entendimento das relações entre mídia, cidadania e poder, que não se esgotam em si, mas que abrem caminho para novas reflexões.